

Por detrás do **Douro** como **destino turístico**: Explorando o **envolvimento** e as **perceções** dos **residentes**

LÚCIA PATO * [mljesus@sapo.pt]

Resumo | Esta investigação analisa o envolvimento e perceções dos residentes em relação ao turismo praticado no Douro. Embora a região seja considerada como detentora de um património turístico de excelência, a investigação revela que o contacto dos residentes com turistas é escasso e o envolvimento dos residentes com ações relativas ao turismo é praticamente inexistente. A população local parece aliás retirar poucos benefícios da atividade turística, não desenvolvendo perceções positivas acerca da mesma. Pelo contrário, a população evidencia que o turismo apenas beneficia um pequeno número de residentes locais. Estes factos sugerem a pouca integração da comunidade no turismo, colocando assim, em evidência, o fosso entre a teoria (que refere a necessidade de integração da comunidade no turismo) e a prática. Com vista ao desenvolvimento turístico de forma mais sustentável, pela importância da integração da comunidade local no turismo, advoga-se que as evidências referidas devem ser tomadas em consideração.

Palavras-chave | Turismo rural, Douro, Residentes, Envolvimento, Perceções.

Abstract | This research analyses the involvement and perceptions of the residents in relation to tourism held in Douro. Although the region is known for having a touristic heritage of excellence, the research reveals that the contact between residents and tourists is scarce and the involvement of the residents with tourism-related activities is nearly non-existent. The local residents seem to have very few benefits from tourist activities, and do not develop positive perceptions related to these activities. In contrast, the residents display that tourism only benefits a small number of local people. These facts suggest the low integration of the residents in tourism and therefore put in evidence the gap between theory (that refers to the need of the community's integration) and practice. With the purpose of the touristic development in a more sustainable way and given the importance of community integration in tourism, it is suggested that the evidences previously mentioned should be taken into consideration.

Keywords | Rural tourism, Douro, Residents, Involvement, Perceptions.

* **Doutora em Turismo** pela Universidade de Aveiro. **Professora Adjunta** no Instituto Politécnico de Viseu, e **Colaboradora** da Unidade de Investiga ção GOVCOPP

1. Introdução

Há um enorme debate acerca do contributo do turismo para o desenvolvimento das regiões rurais. Nestas regiões a agricultura por si só não tem sido capaz de reverter o cenário de declínio socioeconómico, afigurando-se o turismo como a atividade que pode contribuir para esse desenvolvimento, dadas as ligações e sinergias que pode estabelecer com outras atividades económicas locais (Kastenholz, 2014).

Para além da ligação com outras atividades económicas locais, o sucesso do desenvolvimento turístico de forma mais sustentável requer ainda o envolvimento da comunidade local (Clark & Chabrel, 2007). Estas questões levam aliás a considerar um modelo de desenvolvimento turístico que ponha a comunidade local no centro de todo o processo de desenvolvimento turístico (Okazaki, 2008). Com efeito, a integração e o envolvimento dos residentes na conservação e manutenção dos recursos endógenos e, no contributo dos mesmos para a experiência turística dos visitantes, é um aspeto a ter em conta no desenvolvimento sustentável das comunidades (Figueiredo & Eusébio, 2014).

Acontece porém que nas regiões rurais mais interiores e periféricas a atividade turística continua a ser controlada por grandes empresas turísticas a nível nacional (ou internacional) que pouca atenção tem dado às condições culturais e socioeconómicas locais (Timothy & Ioannides, 2002). Esta situação pode com certeza conduzir a uma desacreditação dos possíveis benefícios do turismo por parte da população local e cumulativamente contribuir para uma certa indiferença em relação ao setor. Esta investigação analisa as perceções dos residentes em relação ao turismo praticado na região do Douro (RD). A região é internacionalmente conhecida pelo seu enorme potencial turístico. Em 2001 parte da região (região do Douro Vinhateiro) foi considerada Património Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como paisagem evolutiva e

viva, testemunho de uma tradição cultural antiga e, simultaneamente, de uma civilização viva, centrada na vinha, desenvolvida em condições ambientais difíceis (Aguiar, 2002). Não admira por isso que a região tenha sido posteriormente considerada um polo turístico prioritário de desenvolvimento do país (Turismo de Portugal, 2007) e tenha beneficiado de ajudas que conduzissem ao seu desenvolvimento turístico e económico-social (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N), 2008).

Apesar da muita divulgação que se tem feito acerca da região, com poucas exceções, muito pouco se tem investigado acerca do envolvimento e das perceções em relação à atividade turística. O objetivo deste artigo é pois o de analisar o envolvimento e as perceções dos residentes em relação ao turismo praticado no Douro. Para além da introdução (na secção 1), na segunda secção apresenta-se a revisão da literatura e na terceira secção apresenta-se a região (Douro) em estudo. A metodologia é apresentada na quarta secção, sendo a discussão de resultados apresentado logo de seguida (na quinta secção). Finalmente as conclusões, recomendações e limitações do estudo são apresentadas na sexta secção do trabalho.

2. Revisão da literatura

2.1. O envolvimento da comunidade com o turismo

O envolvimento da comunidade tem sido observado como um elemento integral do turismo sustentável (Okazaki, 2008). De facto, vários autores falam da necessidade de integrar a comunidade no processo de desenvolvimento turístico (e.g. Brida, Osti & Faccioli, 2011; Oviedo-Garcia, Castellanos-Verdugo & Martin-Ruiz, 2008). O turismo baseado na comunidade visa o fortalecimento das comunidades

locais já que procura que a indústria se desenvolva em harmonia com as necessidades e aspirações da comunidade local de uma maneira que é aceitável para elas, contribui para as suas economias, não sendo prejudicial à sua cultura, tradições, ou modo de vida local (Asker, Boronyak, Carrard & Paddon, 2010). Com efeito, procura-se que a comunidade possa integrar o processo de desenvolvimento turístico e 'quebrar' com o oligopólio das grandes empresas turísticas e algumas elites a nível nacional ou regional (Timothy, 2002). Também Saxena, Clark, Oliver e Ilbery (2007) e Saxena e Ilbery (2008) sublinham a importância do envolvimento da comunidade no desenvolvimento do turismo em meio rural. Com efeito, no âmbito de um projeto de investigação europeu (*Supporting and promoting integrated tourism in Europe's lagging rural regions – SPRITE*) os autores referidos enfatizam o conceito de turismo rural baseado na comunidade, um turismo coordenado e integrado a nível local. Trata-se de uma forma de

turismo explicitamente relacionada com as estruturas económicas, sociais, culturais, naturais e humanas das localidades onde se desenvolve. O argumento é que o turismo rural integrado – enquanto teoria e abordagem – conduz a um turismo mais sustentável que outras formas de turismo porque cria relações fortes com os recursos sociais, culturais, económicos e ambientais (Saxena et al., 2007, p. 347).

Mais recentemente, no âmbito do projeto de investigação nacional *The overall rural tourism experience and sustainable local community development* – ORTE, chama-se igualmente a atenção para a necessidade de integração da comunidade local na construção da experiência turística em meio rural (Kastenholz, Carneiro, Marques, & Lima, 2012).

Com efeito, é amplamente reconhecido o papel da comunidade no processo de desenvolvimento turístico. Desde logo, porque mesmo que os residentes de uma comunidade não façam parte do 'negócio

do turismo', interação ainda que de forma informal com os turistas, podendo o seu comportamento contribuir para a experiência positiva ou negativa dos mesmos turistas (Brida et al., 2011; Middleton & Clarke, 2001). Assim uma atitude menos positiva por parte dos residentes de uma comunidade em relação aos turistas pode resultar numa certa relutância para visitar lugares onde sentem que não são bem recebidos (Fridgen, 1991, citado por Gursoy, Jurowski, & Uysal, 2002). Por outro lado, quando a comunidade está envolvida no processo de desenvolvimento turístico, os seus impactos serão tendencialmente mais sustentáveis porque serão percebidos como mais apropriados pela comunidade local (Dyer, Gursoy, Sharma & Carter, 2007).

2.2. As perceções dos residentes em relação ao turismo

A atividade turística envolve geralmente uma relação direta entre turistas e residentes de destinos turísticos. Esta interação está frequentemente associada a efeitos positivos e negativos nos próprios turistas, mas também nos residentes locais. Em boa verdade, os efeitos positivos e negativos do turismo podem ser transferidos simultaneamente para os turistas e para a população residente, uma vez que o produto turístico só pode ser consumido no lugar (Brida et al., 2011). A consciência crescente deste facto fez com que nos últimos anos, os estudos acerca das perceções e atitudes dos residentes relativamente ao turismo sejam relativamente abundantes (e.g. Gursoy & Rutherford, 2004; Oviedo-Garcia et al., 2008). Contudo, no contexto rural, com algumas notáveis exceções (e.g. Brida et al., 2011; Pato, 2012), os estudos desta natureza são ainda escassos, sobretudo a nível europeu e em Portugal. Como também uma notável exceção refere-se neste âmbito, o projeto ORTE referido no ponto anterior. O objeto central de estudo deste projeto foram três comunidades rurais de Portugal¹. Para além da análise dos turistas, procurou-se compreender as perceções e

¹ Essas comunidades rurais são Favaios, Janeiro de Cima e Linhares da Beira.

contributo dos residentes destes destinos rurais para a experiência turística (Kastenholz, 2010).

As perceções estão relacionadas com a organização e interpretação da informação em ordem a perceber o meio (Schater, Gilbert & Wegner, 2010). Os fatores que influenciam as perceções positivas ou negativas dos residentes são geralmente baseados na teoria de intercâmbio social desenvolvida por Ap (1992). De acordo com o autor, os residentes observam a atividade turística em termos de troca social, isto é, avaliam-na em termos de resultados esperados ou custos obtidos em troca dos serviços oferecidos. Dito de outro modo, a teoria argumenta que a probabilidade dos residentes aceitarem a atividade está dependente das perceções positivas e negativas geradas pelo desenvolvimento da atividade turística (Oviedo-Garcia et al., 2008).

3. A região de estudo: O Douro como destino turístico

A região do Douro (NUT III) é uma região portuguesa, parte da NUT II Norte, com uma superfície de 4.109 km² e 19 concelhos² (Instituto

Nacional de Estatística (INE), 2013a). A densidade populacional tem decrescido ao longo dos últimos anos, sendo aliás das mais baixas do país (INE, 2012).

O Douro continua a apresentar os piores indicadores de desenvolvimento da União Europeia (CCDR-N, 2008), apresentando um Produto Interno Bruto bem abaixo da média nacional (INE, 2013a), assim como um indicador *per capita* e percentagem do poder de compra muito abaixo da média nacional (INE, 2013b).

No entanto as características de excelência da paisagem cultural apresentam potencialidades de sustentação no âmbito do turismo rural, cultural e de lazer (figura 1).

Em 2001 a região do Alto Douro Vinhateiro (que integra todos os concelhos da RD) foi considerada Património Mundial da Humanidade, como paisagem viva e evolutiva, testemunho notável de uma tradição cultural histórica, e, ao mesmo tempo de práticas e costumes vivos centrados na viticultura (Aguiar, 2002).

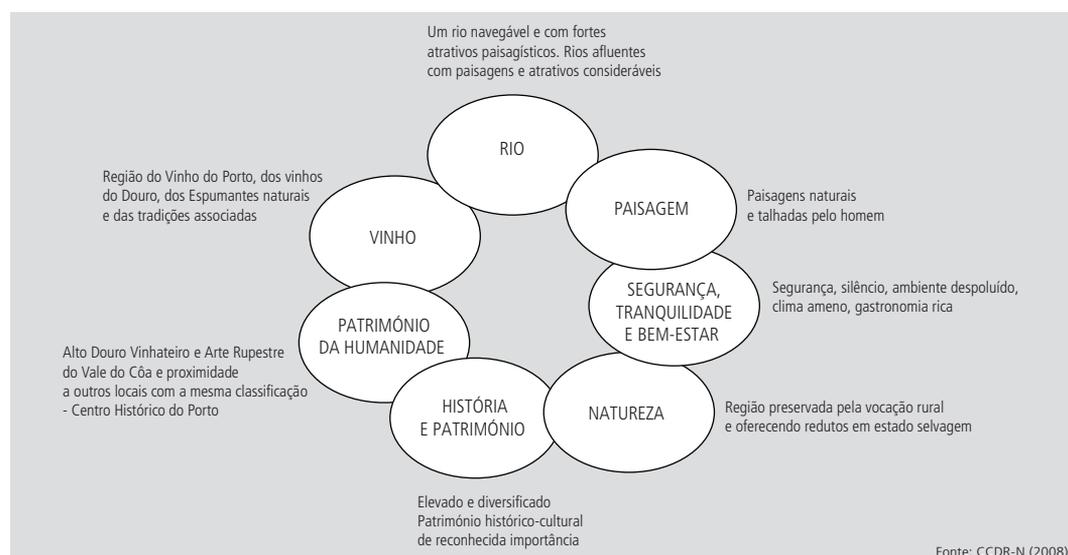


Figura 1 | Recursos turísticos do Douro .

Desde sensivelmente esse ano (2001) até aos nossos dias têm sido crescentemente encetadas um conjunto de iniciativas (públicas e privadas) com vista ao seu desenvolvimento da região. Destaca-se em 2006, a criação da Estrutura de Missão para a Região Demarcada do Douro (EMD) com o objetivo de dinamizar ações para o desenvolvimento integrado da respetiva região e promover a articulação entre as entidades da administração central e local com competências na região, bem como estimular a participação e a iniciativa da sociedade em geral (CCDR-N, 2014). Pouco tempo depois, em 2007, a Assembleia da República recomenda igualmente medidas de desenvolvimento económico e social para a concretização do Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro (PDTVD) (CCDR-N, 2008). Todos os concelhos da NUT III Douro são abrangidos por este plano. O grande objetivo deste plano era o de tornar o Douro um destino turístico de excelência através de um processo dinâmico e de desenvolvimento sustentável (CCDR-N, 2008). O Douro tem aliás vindo a ser pioneiro na integração em redes de referência mundial. Por exemplo, a região figura entre as melhores regiões turísticas do mundo, integrando os Destinos Turísticos de Excelência Mundial. Ao mesmo tempo está associada à *National Geographic* (o Douro foi o primeiro destino nacional a aderir à rede) (CCDR-N, 2013). Recentemente, a *Fodor's*, considerada o maior grupo de publicações de turismo do Mundo, elegeu também o vale do Douro como um dos vinte e cinco destinos obrigatórios a visitar em 2014.

4. Metodologia

Este trabalho está relacionado com uma investigação mais ampla inserida num programa de doutoramento cofinanciado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). A recolha de dados acerca do envolvimento e perceções da população em relação ao turismo praticado na região foi baseada num inquérito por questionário aplicado em meados de 2010. O guião do inquérito foi construído com base na revisão da literatura, sendo que a sua estrutura teve em conta o facto de ser administrado presencialmente pelo investigador, o propósito do estudo e o tipo de questões mais adequadas (incluindo questões fechadas, abertas e em escala de Likert (com cinco níveis de respostas). As questões relativas à perceção do residente em relação ao turismo foram essencialmente baseadas neste último tipo (escalas de Likert).

No que diz respeito ao número de inquéritos a realizar por região optou-se por selecionar residentes de freguesias cujo número de empreendimentos de turismo rural era igual ou superior a dois, que não fossem freguesias sede de concelho. O primeiro critério de seleção das freguesias prende-se com a questão de, à partida, ser esperada nestas alguma (ou mais) atividade turística, pelos efeitos que os mesmos dois (ou mais) empreendimentos podem suscitar. Cumulativamente, o facto de as freguesias não serem sede de concelho permitem-nos indagar sobre os efeitos desencadeados na população de comunidades mais interiores e/ou afastadas dos centros de decisão concelhios. No total foram selecionadas sete freguesias na RD³. Em cada uma das regiões a estudar o número de inquéritos a realizar foi determinado através da utilização da técnica de amostragem por quotas, sendo atribuída a cada freguesia uma quota de inquéritos em função da proporção real da distribuição do seu número de habitantes.

Tendo em conta os prazos para a realização do trabalho de campo e as limitações a nível financeiro, o número total de inquéritos definido a realizar aos

³ Valdigem, Parada do Bispo e Cambres, pertencentes ao concelho de Lamego; Oliveira, pertencente ao concelho de Mesão Frio; Covas do Douro, pertencente ao concelho de Sabrosa; S. Miguel de Lobrigos, pertencente ao concelho de S. Marta de Penaguião e Campeã, pertencente ao concelho de Vila Realde Penaguião, São João da Pesqueira, Sernancelhe, Tabuaço, Tarouca, Torre de Moncorvo, Vila Nova de Foz Côa.

Quadro 1 | Distribuição de inquéritos por freguesia na RD.

Freguesias	População >14 anos	15-24 anos		25-64 estrangeiros		>65		TI	TI/TP (%)
		NIT	NIH	NIT	NIH	NIT	NIH		
C. Douro	462	1	1	4	2	2	1	7	1,5
Campeã	1405	3	1	10	5	4	1	17	1,2
S. Miguel	1092	3	1	10	5	3	1	16	1,4
Valdigem	997	3	1	9	4	3	1	15	1,5
Par. Bispo	171	1	0	1	1	0	0	2	1,2
Cambres	2226	6	3	21	10	6	3	33	1,5
Oliveira	372	1	0	3	1	1	0	5	1,3
Total	6725	18	7	58	28	19	7	95	1,4

*NIT - Número de inquéritos total; **NIH - Número de inquéritos homem.
Fonte: Elaboração própria.

residentes na RD, foi de noventa e cinco, isto é, cerca de 1,4% da população com idade superior a catorze anos de idade (Quadro 1).

Relativamente à seleção dos indivíduos a inquirir em cada umas das freguesias utilizámos igualmente a técnica de amostragem por quotas. Com base nos dados dos censos de 2001 utilizou-se como critérios o sexo (masculino/feminino) e a estrutura etária dos residentes (15-24 anos; 25-64 anos; igual ou mais de 65 anos de idade).

A informação aqui apresentada é tratada de forma descritiva com base no SPSS (versão 20).

5. Discussão dos resultados

5.1. Características sociodemográficas dos residentes

Como descrito acima, a proporção de homens e mulheres inquiridas é semelhante, sendo significativo o número (39) de inquiridos com mais de cinquenta e quatro anos de idade. Em termos de escolaridade nota-se um grau relativamente baixo de formação escolar dos inquiridos, sendo que cerca de metade (47) dos mesmos apenas possui quatro anos de ensino. É também notório que mais de três quartos (73) dos inquiridos não exerceram nos últimos cinco anos qualquer atividade relacionada com o turismo, sendo que a larga maioria (92) também não integra um grupo associativo local.

5.2. O envolvimento da comunidade com o turismo

Em relação ao contato com turistas as evidências revelam dados pouco animadores. Na verdade mais de três quartos dos residentes inquiridos referem contactar/conversar raramente com turistas, sendo que o número (11) daqueles que o fazem com mais frequência é bastante diminuto (Figura 2). O estudo evidencia assim algum contraste com os dados apresentados por Kastenholz et al. (2012) que revelam que a maioria dos turistas tende a contactar com residentes.

Contudo, nenhum dos oitenta e oito residentes que disse já ter contactado com turistas, revelou que esse contacto é negativo. De facto, apesar do elevado número (67) daqueles que referem que esse contacto é indiferente, um número (21) ainda razoável refere que esse contacto é positivo.

Este (último) grupo refere como justificação principal o gosto por falar com pessoas diferentes e a oportunidade de conhecer outras pessoas, hábitos

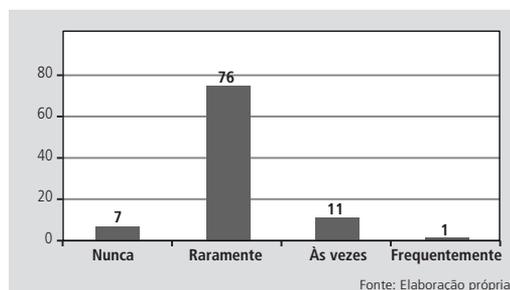


Figura 2 | Frequência de contacto com os turistas.

e culturas e por essa via a possibilidade de trocar experiências.

Infelizmente é ainda de observar que são muito poucos os residentes que já participaram em qualquer ação/evento, relacionado com o turismo na comunidade. Com efeito apenas dois inquiridos referem ter participado numa ação deste tipo – um no rancho folclórico e outro em exposição de artesanato.

5.3. Atitudes e percepções em relação ao turismo

No sentido de explorar a atitude geral em relação ao turismo, pedimos aos inquiridos que expressassem de uma lista com cinco níveis de resposta (péssima, má, satisfatória, boa e excelente) a sua opinião em relação ao turismo praticado na comunidade. A análise dos dados indicia que no geral os inquiridos residentes têm uma opinião 'satisfatória' em relação ao turismo (Figura 3). Ressalva-se, no entanto, que um pouco mais de um quarto dos inquiridos possuem contudo uma 'má' opinião em relação ao turismo desenvolvido na comunidade.

A maioria (20) dos inquiridos que revelam possuir uma opinião negativa, justificam-na essencialmente pelo facto de não existir turistas nas respetivas comunidades. No extremo oposto, metade (5) dos inquiridos que têm uma 'boa' opinião sobre o turismo justificam a mesma pelo facto do turismo ser importante e contribuir para o desenvolvimento da região. Na posição intermédia, ou seja, a maioria (31) daqueles inquiridos que possui uma atitude (apenas) satisfatória, justifica a mesma pelo facto

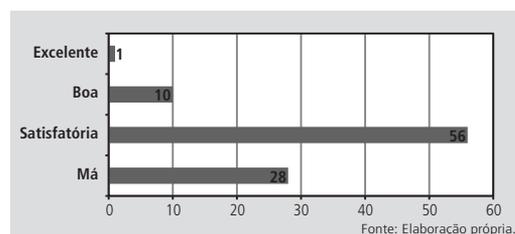


Figura 3 | Atitude dos residentes inquiridos relativamente ao turismo na comunidade.

de “embora com alguns contributos que o turismo possa trazer, o respetivo fluxo turístico é ainda relativamente pequeno”, pelo menos ao nível das comunidades em apreço.

Posteriormente com o objetivo de analisar as percepções da população residente em relação ao turismo foi apresentado aos inquiridos um conjunto de afirmações em relação às quais era solicitado que os inquiridos expressassem o seu grau de concordância. O Quadro 2 sintetiza os resultados da análise dessa informação.

Apesar de apenas um pouco mais de um quarto dos inquiridos residentes terem mostrado uma opinião negativa em relação ao turismo da comunidade, uma análise mais detalhada evidencia outras ilações com carácter mais pessimista. A análise dos dados aponta de facto para uma atitude geral de indiferença ou desfavorável em relação ao turismo, sendo que o nível médio de concordância face às 24 afirmações apresentadas aos residentes ilustra uma tendência para os mesmos se posicionarem entre os níveis dois e três da escala. Esses níveis (2 e 3) encontram-se associados a afirmações que poderiam traduzir possíveis efeitos positivos da atividade turística. A título de exemplo do ponto anterior observe-se a afirmação ‘em geral considera que o turismo traz mais benefícios que custos à freguesia’ que alcança simplesmente uma média de 3,2. Observe-se ainda a afirmação ‘o seu rendimento tem melhorado graças ao turismo’ com apenas 2 de média, evidenciando pois uma discordância clara em relação ao eventual efeito positivo do turismo na vida económica dos residentes.

Acerca das afirmações que estão associadas a eventuais efeitos negativos do turismo, nota-se que apesar dos residentes ilustrarem também aqui uma tendência para se posicionarem no nível 2 da escala, há duas afirmações que se destacam pela média que alcançam. Essas duas afirmações referem-se ao facto de ‘os turistas gastarem pouco dinheiro na comunidade’ (com 4 de média) e de ‘o turismo beneficiar apenas um pequeno número de residentes locais’ (com também 4 de média). Embora

Quadro 2 | Perceções em relação ao turismo.

Perceções em relação ao turismo	Média	C/B
O turismo beneficia apenas um pequeno número de residentes locais	4	C
Os turistas gastam pouco dinheiro nesta comunidade	4	C
A construção de empreendimentos turísticos tem-se feito de forma ordenada	3,2	B
Em geral, considera que o turismo traz mais benefícios que custos à freguesia	3,2	B
O turismo tem permitido conservar os espaços naturais/ verdes da comunidade	3,1	B
Em geral, considera que o turismo traz mais benefícios que custos ao concelho	3,1	B
Em geral, considera que o turismo traz mais benefícios que custos à região	3,1	B
O turismo tem permitido recuperar/ conservar o património	2,5	B
O dinheiro gasto pelos turistas fica na comunidade	2,3	B
O turismo cria emprego para os residentes	2,2	B
O turismo tem trazido mais riqueza para a comunidade	2,2	B
Por causa do turismo há nesta comunidade mais animação cultural	2,1	B
O turismo permite "manter vivas" as tradições locais	2,1	B
O turismo estimula a criação e desenvolvimento de serviços que também servem aos residentes	2,1	B
A construção de infraestruturas de lazer tem levado à destruição do património natural	2,1	C
O seu rendimento tem melhorado graças ao turismo	2	B
O turismo é a principal razão para o desenvolvimento das infraestruturas de lazer	2	B
Quando há mais turistas na comunidade os serviços locais funcionam pior	2	C
Quando há mais turistas o turismo é o principal responsável pelos problemas de poluição	2	C
A concentração de turistas em determinadas alturas afasta os residentes dos locais públicos	2	C
Os preços dos produtos/ serviços subiram na comunidade graças ao turismo	1,9	C
O turismo prejudica a qualidade de vida dos residentes	1,9	C
O turismo prejudica os padrões morais da sociedade local	1,9	C
Devido ao turismo, a criminalidade aumentou	1,5	C

Notas: A média é calculada com base numa escala de Likert, sendo que "1" significa discordo totalmente e "5" concordo totalmente. Na tabela são assinaladas as afirmações que poderão estar associadas a benefícios (B) ou a custos (C).

Fonte: Elaboração própria.

noutros contextos, a fraca distribuição dos benefícios do turismo rural têm sido aliás sugeridas noutros estudos (e.g. Pato, 2012; Silva, 2005, 2006).

São sobretudo as pessoas mais novas (com idade⁴ abaixo dos 45 anos) que concordam que o turismo beneficia apenas um pequeno número de residentes locais (teste *Mann-whitney* para duas amostras independentes com $p = 0,037$). Em relação ao género não se encontram diferenças significativas (com $p > 0,05$) de percepção. Interessante é também notar que não se notam diferenças significativas (com $p > 0,05$) em termos da percepção dos residentes que trabalharam ou não nos últimos cinco anos em atividades relacionadas com o turismo.

6. Conclusões, recomendações e limitações

Como sugerido por vários autores (e.g. Okazaki, 2008), o envolvimento e integração da comunidade são essenciais no processo de desenvolvimento turístico de forma mais sustentável.

Uma atitude menos favorável em relação ao turismo evidencia, provavelmente, que a comunidade não está a ser considerada no processo de desenvolvimento turístico, servindo ela e os seus territórios apenas como objetos ao serviço do turismo (Mitchell & Reid, 2001).

O trabalho aqui apresentado indicia, com efeito, que os residentes parecem não ser considerados nesse processo de desenvolvimento turístico. Na verdade, o Douro é considerado Património Mundial da Humanidade e um destino turístico de excelência,

mas as comunidades rurais em apreço parecem esquecidas. A prová-lo está o facto de os residentes não contactarem com frequência com os turistas. Como referido frequentemente pelos (mesmos) residentes inquiridos, os turistas visitam o Douro com roteiros pré-definidos, deslocando-se principalmente para as 'grandes quintas vitivinícolas'. Não admira por isso que poucos tenham sido aqueles que estiveram já envolvidos em ações/eventos de dinamização turística local. Todavia, a este propósito deve igualmente ser observado que o associativismo local é débil.

De igual modo não é ainda de admirar que as perceções relativas aos benefícios do turismo sejam pouco expressivas. Pelo contrário, os residentes concordam que o 'turismo beneficia apenas um pequeno número de residentes locais' e 'que os turistas gastam pouco dinheiro na comunidade. Também aqui deve ser observada a aparente escassez de serviços locais relativos ao comércio de artes e ofícios tradicionais.

De qualquer forma, tal como observa Pato (2012) a propósito da elitização do turismo rural, no Douro a atividade parece ter um fraco enraizamento local e poucas ligações às atividades económicas locais, não sendo criadas grandes sinergias entre diferentes *stakeholders* a nível local.

Em prol do desenvolvimento da região e do destino turístico Douro de forma sustentável julgam-se, por isso, que devem ser encetados esforços no sentido de sensibilizar e integrar a população em todo o processo. A realização de cursos, formações e *workshops* com vista a recuperar e dinamizar eventos e tradições deve ser considerada. Paralelamente a questão da organização e desenvolvimento de redes que envolvam vários *stakeholders* afirma-se neste contexto como outra alternativa a considerar.

Em termos de limitações, registamos o carácter mais quantitativo da informação analisada. De forma

a aprofundar algumas razões e condicionalismos observados teria sido interessante ter procedido à recolha de dados qualitativos junto não só dos residentes mas também junto de outros *stakeholders* locais (e.g. presidentes de junta de freguesia, associações e grupos recreativos locais).

Referências bibliográficas

- Aguiar, F. B. (2002). O Alto Douro Vinhateiro: Uma paisagem cultural, evolutiva e viva. Douro: *Estudos & Documentos*, VII(13), 143-152.
- Ap, J. (1992). Residents' perceptions on tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, 19(4), 665-690.
- Asker, S., Boronyak, L., Carrard, N., & Paddon, M. (2010). *Effective community based tourism: A best practise manual*. Sidney: Sustainable Tourism Cooperative Research Centre.
- Brida, J. G., Osti, L., & Faccioli, M. (2011). Residents' Perception and attitudes towards tourism impacts: A case study of the small rural community of Folgaria. *Benchmarking: An International Journal*, 18(3), 359-385.
- Clark, G., & Chabrel, M. (2007). Special issue: Rural tourism in Europe. *Tourism Geographies*, 9(4), 345-346.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte [CCDR-N] (2008). *Plano de desenvolvimento turístico do Vale do Douro*. Acedido a 17 de janeiro de 2014, em http://www.ccdr-n.pt/fotos/editor2/imported/www.ccr-norte.pt/regnorle/pdvtvd_2007_2013.pdf
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte [CCDR-N] (2013). *Estrutura de Missão do Douro: Relatório da atividade desenvolvida e dos resultados alcançados*. Peso da Régua: CCDR-N.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte [CCDR-N] (2014). *Estrutura de Missão para a Região Demarcada do Douro*. Acedido a 17 de janeiro de 2014, em <http://www.ccdr-n.pt/pt/gca/?id=1066>
- Dyer, P., Gursoy, D., Sharma, B., & Carter, J. (2007). Structural modeling of resident perceptions of tourism and associated development on the Sunshine Coast, Australia. *Tourism Management*, 28(2), 409-422.
- Figueiredo, E., & Eusébio, C. (2014). A experiência turística vivida e cocriada pela população local. In E. Kastenholz, C. Eusébio, E. Figueiredo, M. J. Carneiro & J. Lima (Eds.), *Reinventar o turismo rural em Portugal: Cocriação de experiências turísticas sustentáveis* (pp. 89-106). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Gursoy, D., & Rutherford, D. G. (2004). Host attitudes toward tourism: An improved structural model. *Annals of Tourism Research*, 31(3), 495-516.
- Gursoy, D., Jurowski, C., & Uysal, M. (2002). Resident attitudes: A Structural Modeling Approach. *Annals of Tourism Research*, 29(1), 79-105.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2012). *Censos: Resultados definitivos da Região Norte*. Lisboa: INE.

⁴ Para o efeito a variável idade foi codificada em duas categorias: indivíduos com idade inferior a 45 anos de idade e indivíduos com 45 ou mais anos de idade.

- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2013a). *Anuários estatístico da Região Norte 2012*. Lisboa: INE.
- Instituto Nacional de Estatística [INE] (2013b). *Estudo sobre o poder de compra concelhio 2011*. Lisboa: INE.
- Kastenholz, E. (2010). Experiência global em turismo rural e desenvolvimento sustentável das comunidades locais. In E. Figueiredo, E. Kastenholz & M. C. Eusébio, M. C. S. Gomes, M. J. Carneiro, S. Valente & P. Batista (Eds.), *IV Congresso de Estudos Rurais Mundos Rurais em Portugal: Múltiplos Olhares Múltiplos Futuros* (pp. 420-435). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Kastenholz, E. (2014). Turismo Rural: Reinventar para sustentar?. In E. Kastenholz, C. Eusébio, E. Figueiredo, M. J. Carneiro & J. Lima (Eds.), *Reinventar o turismo rural em Portugal: Cocriação de experiências turísticas sustentáveis* (pp. 1-6). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Kastenholz, E., Carneiro, M. J., Marques, C., & Lima, J. (2012). Understanding and managing the rural tourism experience: The case of a historical village in Portugal. *Tourism Management Perspectives*, 4, 207-214.
- Middleton, V., & Clarke, J. (2001). *Marketing in travel and tourism* (3rd ed.). Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Mitchell, R. E., & Reid, D.G. (2001). Community integration: Island tourism in Peru. *Annals of Tourism Research*, 28(1), 113-139.
- Okazaki, E. (2008). A community-based tourism model: Its conception and use. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(5), 511-529.
- Oviedo-García, M. A., Castellanos-Verdugo, M., & Martin-Ruiz, D. (2008). Gaining Residents' Support for Tourism and Planning. *International Journal of Tourism Research*, 10(2), 95-109.
- Pato, L. (2012). *As dinâmicas do turismo rural: Contributo para o desenvolvimento rural*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Saxena, G., & Ilbery, B. (2008). Integrated rural tourism a border case study. *Annals of Tourism Research*, 35(1), 233-254.
- Saxena, G., Clark, G., Oliver, T., & Ilbery, B. (2007). Conceptualizing integrated rural tourism. *Tourism Geographies*, 9(4), 347-370.
- Schater, D. L., Gilbert, D. T., & Wegner, D. M. (2010). *Psychology*. USA: Worth Publishers Incorporated.
- Silva, L. (2005/2006). Os impactos do turismo em espaço rural. *Antropologia Portuguesa*, 22/23, 295-317.
- Timothy, D. J. (2002). Tourism and community development. In R. Sharpley & D. T. Telfer (Eds.), *Tourism and development: Concepts and issues* (pp. 149-164). Clevedon/NY: Channel View Publications.
- Timothy, D. J., & Ioannides, D. (2002). Tour-operator hegemony: Dependency, oligopoly, and sustainability in insular destinations. In Y. Apostolopoulos & D. J. Gayle (Eds.), *Tour operator hegemony: Dependency and oligopoly in insular destinations* (pp. 181-198). Westport, Ct: Praeger.
- Turismo de Portugal (2007). *Plano Estratégico Nacional para o Turismo*. Lisboa: Turismo de Portugal.